

## **Ilusão de Autonomia: Análise da Racionalidade Neoliberal no Documentário ‘Estou Me Guardando Para Quando O Carnaval Chegar’<sup>1</sup>**

Júlia Tavares M. B. ENNES<sup>2</sup>

Clara Dias CAMPOS<sup>3</sup>

Ellen Moraes DUARTE<sup>4</sup>

Dayanna Louise SODRE<sup>5</sup>

Gabriela MATINA<sup>6</sup>

Lucas Afonso SEPULVEDA<sup>7</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### **RESUMO**

O artigo discute o enquadramento utilizado no documentário *Estou Me Guardando Para Quando O Carnaval Chegar*, dirigido e roteirizado por Marcelo Gomes; lançado em 2019. Trata-se de analisar como Toritama, com seus trabalhadores informais, é representada no filme a partir de uma cidade dominada pelo discurso neoliberal, em que as relações de trabalho escancaram uma ilusão de autonomia. A análise dos quadros é realizada com base nos estudos de Ricardo Fabrino Mendonça e Paula Guimarães Simões, além de recorrer a autores como Byung-Chul Han e Dardot e Laval para expor a problemática ocasionada por uma nova configuração de relações trabalhistas, típicas do neoliberalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** trabalho; neoliberalismo; documentário; enquadramento; autonomia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da FAFICH-UFMG, e-mail: [juliatmbennes@gmail.com](mailto:juliatmbennes@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da FAFICH-UFMG, e-mail: [camposdcla@gmail.com](mailto:camposdcla@gmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da FAFICH-UFMG, e-mail: [ellenmduarte00@gmail.com](mailto:ellenmduarte00@gmail.com)

<sup>5</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da FAFICH-UFMG, e-mail: [benditocacho@gmail.com](mailto:benditocacho@gmail.com)

<sup>6</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Jornalismo da FAFICH-UFMG, e-mail: [gabrielamatina@gmail.com](mailto:gabrielamatina@gmail.com)

<sup>7</sup> Orientador do trabalho. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG, e-mail: [afonsepuv@gmail.com](mailto:afonsepuv@gmail.com)

---

## INTRODUÇÃO

O produto analisado neste trabalho é o documentário *Estou Me Guardando Para Quando O Carnaval Chegar*, dirigido e roteirizado por Marcelo Gomes; lançado em 2019. A obra retrata o desenvolvimento industrial na cidade de Toritama, localizada no agreste de Pernambuco, que é conhecida hoje como “a capital do Jeans”, ocupando o segundo lugar na produção do segmento no Brasil. A cidade, cujo nome em tupi-guarani quer dizer “terra da felicidade”, permanece em um ritmo de movimentação e produção frenéticos, exceto no carnaval, quando os moradores vendem grande parte do que conseguiram acumular durante o ano - eletrodomésticos, celulares, máquinas de costura - para poderem bancar as viagens para *fora da cidade*, com o objetivo de aproveitar o único descanso anual, em praias paradisíacas.

O título faz referência à canção de Chico Buarque, *Quando o Carnaval Chegar*, lançada em 1972, em meio à ditadura militar. O verso que dá nome à música pode ser interpretado como uma metáfora sobre o fim do período ditatorial, que seria alegre e aguardado, como são as festas de carnaval. No documentário, a intertextualidade com a música serve para fazer referência ao tão aguardado descanso dos trabalhadores, durante o feriado. Ao final da peça audiovisual, a canção é tocada enquanto são exibidos os créditos do filme, confirmando a relação entre o título da obra e a música de Chico Buarque.

Responsável pelo roteiro, direção e narração da produção, o cineasta brasileiro, Marcelo Ferreira de Oliveira Gomes é recifense e, durante a infância, visitou muito a cidade de Toritama com seu pai. Em entrevista dada para a Revista Trip<sup>8</sup>, ele afirma que o documentário surgiu com dois desejos: entender aquilo que acontecia em Toritama e fazer um filme que fizesse com que ele retornasse para o lugar que conheceu quando criança.

*Estou me guardando...* surge, então, no panorama cinematográfico como uma narrativa que busca expor e analisar a racionalidade neoliberal que move a cidade pernambucana e que resulta em trabalhos precários, com baixa remuneração, que

---

<sup>8</sup> ANIC, Laura Calvi. “Meu nome é trabalho”. Revista Trip. 11 de julho de 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-diretor-marcelo-gomes-fala-sobre-o-documentario-estou-me-guardando-para-quando-o-carnaval-chegar>. Acesso em: 31 de maio de 2021.

---

expropriam o tempo livre e ocasionam na autoexploração do sujeito. Neste sentido, o ponto de partida do diretor foi o espanto ao saber que a pequena e silenciosa cidade que ele conhecia da sua infância, teria se tornado um polo industrial, “a capital do jeans”. Em entrevista ao jornal *O Globo*<sup>9</sup>, Gomes comenta:

Fiquei com um nó na cabeça para desvendar, e estou passando esse nó para o público — conta Gomes. Filmes sobre *sweatshops*, mostrando como os trabalhadores braçais são vítimas do capitalismo, já há vários por aí. O que temos em Toritama é uma situação complexa, não queria vitimizar ninguém. O que me interessava era ouvir os desejos e os sonhos dessas pessoas que se apegam à ideia da autonomia, de ser o próprio patrão, sem perceber que estão sendo escravizadas por elas mesmas. É um filme que expõe a farsa do neoliberalismo. Fala de um Brasil que ninguém conhece. Toritama é uma China com um Carnaval no meio.

Este trabalho, portanto, tem o objetivo de buscar entender como a situação precária de trabalho de Toritama é articulada pelo filme *Estou Me Guardando Para Quando O Carnaval Chegar* (2019), através de uma análise de situação interativa e de conteúdo discursivo presentes no documentário, com base na noção de enquadramento e nos estudos de Ricardo Fabrino Mendonça e Paula Guimarães Simões (2012). Além disso, buscamos examinar também as estratégias audiovisuais que atuam na evidencição da problemática social, causada por uma nova configuração de relações trabalhistas, que autores como Byung-Chul Han (2015) e Mirowski (2009) e Dardot e Laval (2016) apontam como típicas do neoliberalismo.

## AS PERSONAGENS

O documentário é construído por entrevistas realizadas com os trabalhadores locais, dando protagonismo às suas vozes. Nelas, percebe-se como eles vivem sob uma falsa sensação de liberdade, afirmando que trabalham para si mesmos, afinal, “é produção, você ganha o que faz”. Ainda que alguns entrevistados consigam perceber a exploração que os perpassa, como Léo e o homem que discorre sobre a relação entre futuro e leis trabalhistas, a maioria deles vive iludida pelas promessas promovidas pelo

---

<sup>9</sup> ALMEIDA, Carlos Helí de. Marcelo Gomes revela em Berlim a dura vida da 'capital do jeans'. *O Globo*. 10 de fevereiro de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/marcelo-gomes-revela-em-berlim-dura-vida-da-capital-do-jeans-23443154>. Acesso em: 22 de junho de 2021.

---

neoliberalismo, por exemplo, a do ser autônomo, a do consumismo (GOMES, 2020) ou de que algum deles pode ficar rico trabalhando nas fábricas de jeans.

Por mais que as personagens principais da trama sejam, sem dúvida, os trabalhadores de Toritama, *Estou Me Guardando...* é uma narrativa com traços autobiográficos, mesmo que não constitua propriamente uma autobiografia. Assim como em outros documentários brasileiros recentes, como *Democracia em Vertigem* (2019), que são conduzidos pela voz do(a) diretor(a) e tem uma presença da experiência pessoal destes no enredo, em *Estou Me Guardando...* as viagens que Marcelo fazia quando criança com o pai servem de fio condutor para a narrativa, mas o faz de forma muito sutil. Diferentemente do filme de Petra Costa, em que a voz da diretora se mistura o tempo todo a história da sua família com a da democracia brasileira, Marcelo Gomes usa suas memórias para destacar a diferença entre uma Toritama do passado e a do presente, levando o foco para a cidade, e não para si mesmo.

Isso não exclui, no entanto, a forte presença de Gomes na narrativa e os efeitos que esta gera na mobilização dos quadros e na representação da situação de Toritama - o que será abordado mais à frente.

## SUJEITO E LÓGICA NEOLIBERAL

A Toritama atual, retratada em *Estou Me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar*, nasceu da falência das fábricas de jeans locais, que foram substituídas por oficinas caseiras, as chamadas fábricas. Hoje, a pequena cidade do agreste, de menos de 50 mil habitantes, funciona em um ritmo de produção acelerado e é responsável por 20% de todo o jeans nacional - e, definitivamente, muito diferente da cidade conhecida por Marcelo durante a infância. Como apontado por Galdino e Medeiros (2020), “a falência [das fábricas] não é explorada como oportunidade de mudança radical das relações de trabalho, da organização do tempo e dos processos sociais de uma cultura de si - ela abre o caminho para uma industrialização total da vida”.

Por ser um projeto de longo prazo e um fenômeno econômico de triunfo acadêmico, o neoliberalismo tornou-se um pensamento coletivo social e consegue se disfarçar como filosofia populista (MIROWSKI, 2009). A extrema aceitação e popularização do neoliberalismo nas sociedades contemporâneas disfarçam a

---

proximidade entre o neoliberal e o neoconservador: a hierarquia de comandos e a elitização do sistema. Pensado por e para a “sociedade civil de elite” e os “intelectuais e líderes de opinião”, para que o neoliberalismo funcione, a base da sociedade precisa se ancorar no grande valor axiomático explícito do sistema: a liberdade. Seja essa uma liberdade econômica e/ou uma liberdade de pensamento, por exemplo. De acordo com Mirowski, “O que une os neoliberais primeiramente e acima de tudo é um conjunto de comprometimentos epistêmicos” (MIROSWKI, 2009, p. 417, tradução nossa<sup>10</sup>).

A falsa promessa de liberdade é constitutiva do “sujeito neoliberal” descrito por Dartot e Laval (2016). Segundo os autores, o ser moldado pela lógica neoliberal é destituído de um constante desejo de trabalho, uma vez que ele está inteiramente comprometido com o seu ofício. Dessa forma, executar sua atividade profissional torna-se um elemento característico do sujeito, o qual acredita não estar satisfazendo a empresa, mas a si próprio:

O ser desejante não é apenas o ponto de aplicação desse poder; ele é substituído dos dispositivos de direção das condutas. Porque o efeito procurado pelas novas práticas de fabricação e gestão do novo sujeito é fazer com que o indivíduo trabalhe para empresa como se trabalhasse para si mesmo e, assim, eliminar qualquer sentimento de alienação e até mesmo qualquer distância entre o indivíduo e a empresa que emprega. Ele deve trabalhar para sua própria eficácia, para a intensificação de seu esforço, como se essa conduta viesse dele próprio, como se esta lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa que seu próprio desejo, à qual ele não pode resistir. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 327)

Marcelo relata que a produção do filme começou ainda em 2017, quando o governo Temer discutia a reforma trabalhista que viria a ser aprovada. A reforma, que foi duramente criticada por sindicatos como a Central Única dos Trabalhadores, pelo Ministério Público do Trabalho, pela Organização Internacional do Trabalho, entre outros, era carregada de um discurso neoliberal e provocou uma mudança significativa na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) ou, como afirmam seus críticos, um “grave retrocesso social”<sup>11</sup>. Gomes (2020), sendo um deles, afirma:

---

<sup>10</sup> “Our major theme will be: what holds neoliberals together first and foremost is a set of epistemic commitments, however much it might be ultimately rooted in economics, or politics, or even science.” (MIROSWKI, 2009, p. 426)

<sup>11</sup> “Para juízes, procuradores e advogados, reforma trabalhista viola Constituição”. Folha de S. Paulo, 10 de julho de 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/07/1900096-para-mpt-oab-e-cnbb-reforma-trabalhista-viola-a-constituicao.shtml>. Acesso em: 22 jun. 2021

O governo estava destruindo o que se ganhou historicamente por lutas. Estavam extinguindo essas leis trabalhistas que dão amparo ao trabalhador e promovendo essa ideia "seja autônomo, seja autônomo". Eu chego em Toritama e vejo as verdadeiras consequências desse "ser autônomo". Eu jamais imaginei que Toritama ia ser uma a síntese tão perfeita daquele Brasil. E pior: quando eu chego em Toritama e eu vejo a situação daquelas pessoas, eu penso que aquilo lá parecia a Inglaterra no século XIX, no meio da Revolução Industrial; e que aquilo representava exatamente essa ideia do ser autônomo, exatamente essa ideia do neoliberalismo. (GOMES, 2020)

No Brasil, mesmo tendo se instalado de forma tardia, o neoliberalismo acabou por promover dois fenômenos centrais, ambos negativos: a financeirização da economia e a precarização das relações de trabalho (SADER, 2013). Assim, em Toritama, a lógica neoliberal que tomou conta da cidade com o surgimento das facções, impôs na vida daqueles indivíduos uma forma de trabalho baseada na constante exploração de suas forças de trabalho e expropriação de seus tempos.

Leo, personagem que ganha destaque durante o filme, explica que nas facções “quanto mais arrochar o nó, mais você ganha o dinheiro”, ou seja, o pagamento tem como base a produção, desta forma, torna-se necessário que o trabalhador empregue o máximo da sua força de trabalho e prolongue a jornada para aumentar o ganho. Além disso, o fato de que as facções operam dentro das casas dos trabalhadores, em garagens e salas de estar, faz com que os limites entre vida pessoal e espaço de trabalho se tornem turvos e, por consequência, dificulta a proteção nas relações trabalhistas. Analisando algumas falas das personagens do documentário (“Quem pensa que a vida da gente é ruim, está enganado”; “Aqui, somos os donos. Entramos e saímos na hora que queremos”), fica claro que a maioria não percebe o paradoxo que está vivendo.

Ô, meu senhor, aqui eu ganho mais do que trabalhando com carteira assinada. Carteira assinada, o salário é aquela mesma coisa, faça chuva ou faça sol. E aqui, não. Aqui nosso salário quem diz é a gente. Tanto faz como recebo 1.500 na semana, ou se é dois ou três...vai depender da minha *trabalhada*<sup>12</sup>.

Marx, ao discutir as formas de salário, afirma que “o salário assume formas variadas, circunstância que não é possível perceber por meio dos compêndios de Economia, os quais, em seu brutal interesse pela substância, negligenciam todas as

---

<sup>12</sup> Fala de um dos entrevistados no documentário, não identificado.

diferenças das formas” (MARX, 1984, p. 133). Nesse sentido, demonstra que o salário por peça, “nada mais é que uma forma metamorfoseada do salário por tempo, do mesmo modo que o salário por tempo é a forma metamorfoseada do valor ou do preço da força de trabalho” (Idem, p. 139). Ou seja, por mais que a remuneração das facções seja *por peça*, ou seja, tenha como base a produtividade, o trabalhador continua, na verdade, vendendo sua força de trabalho - e acaba precisando se esforçar ainda mais, uma vez que não tem um salário fixo garantido.

Em *Sociedade do Cansaço* (2015), Byung-Chul Han também defende uma mudança de paradigma em que a sociedade do século XXI não se configura mais como a sociedade disciplinar, descrita anteriormente por Foucault, mas como uma *sociedade de desempenho*. Neste novo formato, os sujeitos são *operários de si mesmos*, no entanto, a “liberdade” que essa nova configuração proporciona não lhes tira a noção de dever - muito pelo contrário, esses sujeitos continuam disciplinados e até mais produtivos, assim como os trabalhadores das facções de Toritama.

O sujeito do desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito do desempenho continua disciplinado. Ele tem atrás de si o estágio disciplinar. O poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever. Mas em relação à elevação da produtividade não há qualquer ruptura; há apenas continuidade. (HAN, 2015, p. 25-26)

Esse argumento é sustentado por diversas passagens do documentário e também muito reiterado pelo diretor Marcelo Gomes que, em entrevistas<sup>13</sup>, afirmou que as personagens do filme concordavam em ser entrevistadas desde que não precisassem interromper suas atividades, demonstrando uma postura disciplinada e preocupada com a produtividade. Desse modo, as relações de trabalho de Toritama escancaram uma ilusão de autonomia típica da lógica neoliberal e uma forma de exploração laboral “mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade (HAN, 2015, p. 30). O explorador aqui é, ao mesmo tempo, o explorado - e este o conflito social aqui abordado.

---

<sup>13</sup> Entrevistas concedidas à revista Trip e ao programa Metrópolis, da TV Cultura, disponíveis em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-diretor-marcelo-gomes-fala-sobre-o-documentario-estou-me-guardando-para-quando-o-carnaval-chegar> e [https://tvcultura.com.br/videos/70121\\_entrevista-com-marcelo-gomes-diretor-de-estou-me-guardando-para-quando-o-carnaval-chegar.html](https://tvcultura.com.br/videos/70121_entrevista-com-marcelo-gomes-diretor-de-estou-me-guardando-para-quando-o-carnaval-chegar.html). Acesso em: 22 jun. 2021

---

No entanto, se Han descreve a sociedade do desempenho como uma “sociedade de academias de *fitness*, prédios de escritórios, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética” (HAN, 2015, p.23), praticamente não se vê nada disso na cidade retratada por *Estou Me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar*. Muito pelo contrário: o diretor afirma que seu primeiro contato com a nova Toritama e sua singular realidade fez com que ele pensasse estar presenciando uma versão da Primeira Revolução Industrial - até perceber todo o modelo e discurso neoliberal ali dominante (GOMES, 2020).

Desta forma, quase como uma alegoria, uma cidade levada aos efeitos máximos do neoliberalismo e totalmente tomada pelo trabalho, Toritama é documentada por Gomes como “uma heterotopia, funcionando em um bolsão de temporalidade suspensa, sem dias santos, sem folga, com um calendário que é todo ele convertido em ‘tempo coletivo preenchido por um trabalho sem fim’” (GALDINO; MEDEIROS, 2020).

## ANÁLISE DE ENQUADRAMENTO

A princípio, com a tela ainda preta, a cidade de Toritama é apresentada ao espectador inscrita em um quadro de memória, através dos relatos do narrador, que descreve a região como “um mundo rural, de feiras livres, de plantadores de milho e feijão e criadores de bode. Quase nenhum barulho de carro e poucas pessoas na rua” (falas do início do documentário). Em seguida, sobre *travellings* que exibem gigantescos totens de publicidade das fábricas de jeans à frente do agreste ao som do *Largo do Concerto*, de Bach, o narrador-diretor revela uma realidade totalmente diferente daquela que ele havia conhecido quando criança. A diferença entre Toritama do passado e do futuro leva o diretor - um indivíduo de fora daquela realidade - e este convida o espectador, ao questionamento de Goffman (1986): *o que está acontecendo aqui?*

Assim, através de visitas a pequenas facções independentes localizadas dentro das próprias moradias dos habitantes de Toritama, o documentário exhibe uma realidade de muitos: confecções insalubres em meio a uma poluição sonora, pilhas e mais pilhas de tecidos espalhados pelo chão, jornadas de trabalho que vão das 7h às 22h e atividades extremamente repetitivas. A fixação no trabalho e a crença de que algum dia

---

terão condições de vida melhores, mesmo sem direitos trabalhistas e ganhando cerca de 15 centavos por peça produzida, motiva os trabalhadores do jeans. O fato de que a problemática quase não é identificada pelos entrevistados é o que instiga o narrador (e o espectador) a entender a realidade daquelas pessoas.

Com poucos momentos de respiro, o filme segue a lógica da produção das facções. O diretor se coloca, mas sem a utilização de uma abordagem que poderia sobrepor os discursos dos trabalhadores - a fala dos entrevistados e as cenas exibidas falam por si só. Em uma cena específica, Gomes decide cortar o som, contudo, ainda que o ruído cotidianamente presente na vida daqueles que trabalham seja retirado, a inquietude persiste, já que Marcelo se incomoda com os movimentos repetitivos realizados por eles. Neste momento, a voz do narrador-diretor aliada à recursos audiovisuais, tenta suavizar o incômodo causado pelo esforço repetitivo dos trabalhadores:

Decido cortar o som. O barulho ensurdecedor das máquinas me angustia, me causa ansiedade. Agora [sem o som], é essa repetição desse movimento que me causa angústia. Coloco uma trilha sonora [retorna Largo do Concerto, de Bach, já usada na abertura]. O balé das mãos se move no compasso da música. Filmo de outro ângulo. A angústia da repetição permanece. (GOMES, 2019)

Tal inquietude provoca o espectador, o qual é apresentado incessantemente a uma realidade na qual a relação das pessoas com o trabalho é perversa, e é sustentada pelo sistema. Os quadros empregados no documentário retratam, então, uma materialidade do meio social: em Toritama, o trabalho é constituído como um exercício constante e primordial aos trabalhadores que, apresentando padrões de pensamento impulsionados pela lógica social dominante, são impossibilitados de perceber a permanência da exploração, dedicando sua vida à produção de jeans.

É importante ressaltar que os quadros não são inventados pelos sujeitos, mas mobilizados na interação comunicativa e que, portanto, depende da existência de sentidos partilhados (MENDONÇA; SIMÕES, 2011). Os trabalhadores entrevistados no filme declaram, quase que de forma unânime, que gostam do trabalho que têm e enfatizam que, como são trabalhadores autônomos, podem controlar o tempo de trabalho, uma vez que, quanto mais trabalham, mais ganham. No entanto, esta satisfação é colocada em dúvida durante o documentário, por meio de trechos dos relatos dos próprios trabalhadores, como quando o entrevistador pergunta para uma produtora de

---

jeans sobre o que ela faz depois que chega em casa e ela responde: “tomo banho e fico morta na cama.” Esse “controle do tempo” resulta em jornadas de trabalho extremamente exaustivas e uma falsa ideia de liberdade.

Como destacado por Mendonça e Simões (2012), a construção dos quadros passa por fortes campos de disputa.

Quadros são construções culturais profundas que não estão à disposição dos atores sociais, embora tais atores façam parte de contínuos jogos de forças para alterar os rumos das interpretações de certos fenômenos. As interpretações e a própria estrutura dos quadros são vistas como produtos de interações sociais, sendo que a admissão desse enfoque não implica aceitar que todos os atores se situem em condição de igualdade nesse processo. É preciso ter sempre em mente o pano de fundo sociocultural mais amplo que envolve a mobilização dos enquadramentos e as lutas políticas em torno de quadros. (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p.11)

Em vista disso, é perceptível esse campo de disputa entre os sentidos compartilhados entre os trabalhadores das facções e o próprio Marcelo Gomes. O documentário, apesar de dar protagonismo aos moradores de Toritama, se configura a partir do olhar de Gomes. O externo de Toritama parece, sempre, estar em referência a ele: é a dualidade entre sua memória e a realidade atual, é a instigação dele sobre aqueles personagens e suas relações de trabalho.

Desta forma, *Estou Me Guardando...* desafia através de sua forma filmica a racionalidade neoliberal que domina Toritama. A denúncia é construída de forma clara, desde o título escolhido para o documentário, à exposição das precariedades das facções, até a contagem regressiva para o único descanso do ano, tudo serve ao objetivo do diretor de emoldurar a complexidade da situação e denunciar a ilusão da autonomia comprada por esses personagens. O enquadramento de Toritama, com seus trabalhadores informais, é representada no documentário de Marcelo Gomes a partir de uma cidade dominada pelo discurso neoliberal - sendo este o principal foco da produção, como destacado pelo próprio diretor.

Vale ressaltar que Gomes cumpre com seu objetivo de não vitimizar ninguém, ou melhor, ele não subjuga ninguém a um *frame* de vítima. Através das entrevistas e do convívio com personagens, ele busca compreender e expor as regras e convenções que definem as interações, modificam os valores e normas sociais da região. Assim, ele enquadra os sujeitos como “pessoas que se apegam à ideia da autonomia, de ser o

---

próprio patrão, sem perceber que estão sendo escravizadas por elas mesmas” (GOMES, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário *Estou Me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar* (2019), de Marcelo Gomes, partindo de uma perspectiva individual do diretor, evidencia, portanto, os problemas que o pensamento coletivo neoliberal e que o próprio sistema socioeconômico do neoliberalismo causa na vida dos trabalhadores de Toritama.

A forte presença de Marcelo Gomes, como narrador-diretor, e de suas memórias como fio condutor da narrativa, traz características autobiográficas, que não resultam em uma autobiografia, mas na exposição de vínculos afetivos com o mundo narrado. Com isso, ele abre possibilidades autorreflexivas e expõe a diferença de mentalidade e de sentidos compartilhados entre si e os trabalhadores de Toritama, como na cena em que ele utiliza de recursos audiovisuais para tentar, mesmo que em vão, controlar a angústia que o movimento do maquinário lhe causa.

Desse modo, a reunião dos quadros complementados pelas falas dos atores daquela realidade, permite que o espectador compreenda a situação interativa e reflita sobre o contexto social apresentado durante os cerca de 90 minutos no qual fica imerso na história. Conclui-se, então, que o sistema capitalista no qual estão inseridos configuram forçosamente suas ações e interpretações da realidade, apesar de que nem sempre essa realidade está determinada pelo poder do capitalismo.

Afinal, reduzir a realidade retratada pelo documentário ao questionamento de se aquelas pessoas estão ou não sendo escravizadas parece subestimar a dimensão do problema. Pelos relatos dos moradores, percebe-se um jogo de desejo, de vontade de se livrar das amarras do tempo e até mesmo das relações de trabalho. Quando as fábricas de Toritama fecharam e deram espaços às facções, os trabalhadores enxergaram nessa nova dinâmica uma oportunidade de se livrar das condições trabalhistas que não os agradavam, sem talvez perceberem que entrariam em uma nova condição tão problemática quanto. De qualquer maneira, estes são sujeitos em uma constante luta em busca de melhores condições de vida.

---

A experiência de Toritama é, sem dúvidas, muito complexa e o documentário não traz respostas sobre as questões que levanta (e muito menos é a pretensão deste trabalho trazê-las). O foco é na investigação da exploração neoliberal ocorrida em Toritama a fim de construir uma denúncia. Para Gomes (2020), *Estou Me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar* aponta não para o passado, mas para o que podemos todos nos tornar no futuro.

## REFERÊNCIAS

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A fábrica do sujeito neoliberal. In: A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016, pp. 321-376.

ESTOU Me Guardando Para Quando o Carnaval Chegar. Direção e roteiro de Marcelo Gomes. Produção de João Vieira Jr. e Nara Aragão. Brasil, 2019. (86 min).

GALDINO, Victor; MEDEIROS, Claudio. Quarentena, normalidade e o espectro de Toritama. Outras palavras, 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/quarentena-normalidade-e-o-espectro-de-toritama/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

GOMES, Marcelo. Pensando o Brasil em Filmes| 2ª Edição |Especial "Estou Me Guardando para Quando o Carnaval Chegar". Vitória da Conquista: Janela Indiscreta, 2020. (60 min.), son., color. Disponível em: <https://youtu.be/nfyw4IUb0t8>. Acesso em: 05 ago. 2021.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópolis; Editora Vozes, 2015.

MARX, K. O Capital: Crítica da Economia Política. Vol. I, Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 27, n. 79, p. 187-201, junho de 2012.

MIROWSKI, Philip. Postface: defining neoliberalism. In: MIROWSKI, P.; PLEHWE, D. The road from mont pèlerin: the making of the neoliberal thought collective. Cambridge: Harvard University Press, 2009. p. 417-455.

SADER, E. A construção da hegemonia pós-neoliberal. In: SADER, E. (Org.). 10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil: Lula e Dilma. São Paulo: Boitempo; FLACSO, 2013.